

## O FENÔMENO DO RAIQUE O PARTA ENTRE A ARQUITETURA E A ARTE

*Matheus Nunes  
Yasmin Gomes  
Denise Vianna Nunes*

**Resumo:** Este artigo pesquisa o fenômeno da manifestação do “Raio que o parta” - RQP, na cidade de Belém (PA), representado em muitas residências que existem na cidade, com o intuito de buscar quais sentidos essas edificações despertam nos cidadãos, para assim, analisar a cidade contemporânea, além da relação histórica que este fenômeno têm com a cidade. O processo metodológico adotado foi o de estudo de caso com coleta de dados e análise de três objetos de estudos, os quais seguem os preceitos do fenômeno. Buscou-se pesquisar em acervos e trabalhos sobre o fenômeno do RQP e outras referências bibliográficas a respeito de conceitos artísticos, ou seja, o discurso que o mesmo causa de maneira arquitetônica e artística, considerando aspectos como a noção de patrimônio cultural e como o RQP pode ser considerado um elemento identitário no contexto da arquitetura paraense. A relevância científica deste trabalho, está na busca por demonstrar e conectar a estética do cotidiano inserida na estética das ambiências.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Estética das Ambiências. Residências. Moderno. Fachada.

### THE LIGHTNING PHENOMENON THAT SETS IT BETWEEN ARCHITECTURE AND ART

**Abstract:** This article researches the phenomenon of the manifestation of “Raio que o parta” (RQP), in the city of Belém (PA), represented in many residences in the city. With the aim of seeking the meanings that these buildings awaken in citizens, in order to analyze the contemporary city. In addition to the historical relationship that this phenomenon has with the city. The methodological process adopted will be data collection and analysis of three study objects, which follow the precepts of the phenomenon. Seek to research collections and works on the RQP phenomenon, and other bibliographic references regarding artistic concepts, that is, the discourse that it causes in an architectural and artistic analytical way, considering aspects such as the notion of cultural heritage, and how RQP can be considered an identity element in the context of Pará architecture. And the scientific relevance of this work lies in the search to demonstrate and value a phenomenon that increasingly represents us.

**Keywords:** Architecture. Phenomenon. Residences. Modern. Facade.

### EL FENÓMENO DEL RAYOS QUE LO ENCUENTRA ENTRE ARQUITECTURA Y ARTE

**Resumen:** Este artículo investiga el fenómeno de la manifestación del “Raio que o parta” (RQP), en la ciudad de Belém (PA), representado en numerosas residencias de la ciudad. Con el objetivo de buscar los significados que estos edificios despiertan en los ciudadanos, para analizar la ciudad contemporánea. Además de la relación histórica que tiene este fenómeno con la ciudad. El proceso metodológico adoptado será la recolección de datos y análisis de tres objetos de estudio, que siguen los preceptos del fenómeno. Buscar investigar colecciones y obras sobre el fenómeno RQP, y otras referencias bibliográficas respecto a conceptos artísticos, es decir, el discurso que provoca de manera analítica arquitectónica y artística, considerando aspectos como la noción de patrimonio cultural, y cómo se puede implementar RQP. Considerado un elemento de identidad en el contexto de la arquitectura de Pará. Y la relevancia científica de este trabajo radica en la búsqueda de demostrar y valorar un fenómeno que cada vez más nos representa.

**Palabras-clave:** Arquitectura. Fenómeno. Residências. Moderno. Fachada.



## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo pesquisa o fenômeno da manifestação do “Raio que o parta” (RQP), na cidade de Belém (PA), representado em muitas residências existentes na cidade. O termo está associado à manifestação estética concebida por engenheiros, mestres-de-obras e moradores que recriaram o modernismo nas residências de classe média e popular do Pará, diferenciando-se das demais assimilações do moderno no Brasil pelo emprego de mosaicos com desenhos de setas e raios, executados com cacos de azulejos nas platibanda (COSTA; MIRANDA, 2022). O intuito será de buscar os sentidos que essas edificações despertam nos cidadãos, para assim, analisar a cidade contemporânea, com foco em saber se essas edificações estão acompanhando as mudanças que proporcionam um novo olhar de como reprojeter sua aparência, e por assim, fazer surgir novos contextos de sensibilidade. Modificações profundas na vida urbana demandam novas perspectivas teóricas e novos modelos de inteligibilidade para descrevê-las. Dentre esses modelos, podem ser apontados um crescente interesse pelo ambiente sensorial dos espaços construídos.

A tendência das cidades, atualmente, é ter como princípio a valorização do desenvolvimento sustentável e do urbanismo ecológico. De acordo com Lipovetsky e Serroy (2015), essas tendências são centradas em modos de atividade e de transportes sóbrios, em uma arquitetura com disposição interna que correspondam às novas normas de economia de energia e qualidade ambiental. O sentido da cidade muda, e o que isto influenciará no simples fato de caminhar dos cidadãos? O que eles sentirão ao andar por essa cidade, qual sentimento terão ao olhar uma edificação antiga cheia de elementos que trazem consigo história e significados? Terão uma visão, mínima, de respeito e/ou noção do sentido de toda aquela história? Como aquela arquitetura é recriada hoje?

Como parte desse cenário, a lógica capitalista que impulsionou a valorização do espaço privado em espaço público assume a ideia de status refletida na

morfologia das novas ocupações nas cidades. Acerca da sociedade hipermoderna, percebemos como a arte e a estética vêm influenciando o mercado contemporâneo. Como os setores criativos vêm modificando o olhar do consumidor em relação ao belo, ao prazer, ao sonho por meio da estética que, somada com o mercado, impõe um novo significado de experiências que temos com o mundo que nos cerca. Daí, mencionarmos sobre a ambiência estética focada nas tonalidades afetivas dos espaços urbanos e arquitetônicos. Observa-se que as três residências que aqui foram analisadas, de acordo com sua história, vêm existindo (“sobrevivendo”) a este processo de estetização.

Por esse motivo, e pelo ímpeto de ensino na educação de uma arquitetura, que também é arte, o fenômeno do RQP deve ser divulgado e exaltado, por ser uma característica expressiva de arquitetura, que surgiu nas décadas de 40 à 60 na cidade de Belém, onde neste artigo evidenciaremos como este fenômeno discursa entre a arquitetura e a arte.

O processo metodológico adotado foi de estudo de caso com coleta de dados e análise de três objetos de estudos, os quais seguem os preceitos do fenômeno. Buscou-se pesquisar em acervos e trabalhos sobre o fenômeno do “Raio que o parta” (RQP), e outras referências bibliográficas a respeito de conceitos artísticos, ou seja, o discurso que o mesmo causa de maneira analítica, arquitetônica e artística, considerando aspectos como a noção de patrimônio cultural, e como o RQP pode ser considerado um elemento identitário no contexto da arquitetura paraense. Os objetos de estudo de caso que foram analisados foram três edificações residenciais, localizadas na cidade de Belém (PA), todas caracterizadas como residências unifamiliares, além da visita in-loco para registros fotográficos das fachadas das edificações.

Buscou-se, portanto, analisar as três edificações, exemplificando suas características por meio de sua história (século XX), inspirada pela arquitetura moderna. Com o intuito de proporcionar uma melhor

compreensão, este artigo foi dividido em cinco capítulos, começando pela introdução, passando pela fundamentação teórica, análises e discussões e finalizando com as considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Contexto Histórico e Características

O fenômeno do “Raio que o parta” (RQP) é uma expressão da arquitetura moderna, no Estado do Pará, ocorrido em meados do século XX, mais precisamente entre as décadas de 40 à 60. Foi o resultado da apropriação estética do estilo moderno em residências de classe média em ascensão, de modo geral, sob autoria de desenhistas, engenheiros e dos próprios moradores.

Costa, Pamplona e Miranda (2014) afirmam, no trabalho intitulado “*Raio que o parta’: o lado b do modernismo paraense*” que a consciência do passado deve ser crítica, e que por isso, a construção que propuseram buscou seguir essa direção, evitando tratar o passado sem refletir sobre ele, nem ter o objetivo de encontrar uma verdade absoluta. Com este mesmo intuito, buscou-se isto nesta pesquisa.

Costa e Miranda (2018), apontam que a manifestação do RQP surgiu como um anseio das classes média e baixa de participar das tendências que o movimento moderno trazia no campo das artes e da arquitetura, mas que também era possível encontrar reflexos deste fenômeno em outras regiões do país, como no Nordeste, onde revelam uma certa preocupação artística no ambiente construído, e até mesmo Sudeste, especificamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Também ressaltam que ainda são poucos os estudos que se focam sobre a apropriação da linguagem que conjuga arte e arquitetura moderna, com maior ênfase em abordar os projetos executados por profissionais, como os painéis geométricos com azulejos idealizados pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi em João Pessoa (PB), ou a obra do artista plástico Athos Bulcão em edifícios no Distrito Federal.

O motivo do nome - Raio que o parta – deriva, principalmente, das composições de muitas fachadas com mosaicos de cerâmicas coloridas e quebradas, as quais formam desenhos de raios, bumerangues, figuras de animais ou até mesmo símbolos maçônicos. É comum encontrarmos exemplares de residências com platibandas com formato de um “raio”, ou em formato da letra “Z”.

Em relação à origem, Santos afirma que o RQP é um “fenômeno específico de Belém – com raras assimilações no interior do estado”, e que é predominantemente residencial, provindo de uma classe média ascensão, na época. E acrescenta que, por se tratar de um fenômeno específico, é arriscado afirmar 100% que tenha ocorrido apenas na cidade de Belém, haja vista que pode-se encontrar residências em outros estados brasileiros com características muito similares ao RQP, embora o emprego de desenhos como raios ainda não tenha sido observado nesses locais (SANTOS, 1995 apud COSTA; MIRANDA, 2018, p. 3).

Como exemplo de certa semelhança entre obras, podemos destacar o próprio material utilizado em exemplos internacionais de grande repercussão:

As obras de Antonio Gaudí, que no final do século XIX estabelece a ligação das primeiras *collages* expressionistas com as inovações da arquitetura da década de 50 (século XX), revestindo inúmeras de suas obras, como o Parque Guell, com ‘cacos de azulejos brilhantes, criando uma paisagem inquieta e alegre’. Em Portugal, a técnica do ‘embrechado’, que remonta ao século XVI, também guarda semelhança com o Raio que o parta (PEVSNER, 2002 apud COSTA; MIRANDA, 2018, p. 3).

De acordo com Costa, Pamplona e Miranda (2014), destacam o que Lara (2005) situa que a questão da adoção do Modernismo pelo governo, na época, foi considerado como o estilo oficial e, por conseguinte, pela elite como signo de status. Assim, a classe média adota o moderno como arquétipo estético, que se torna premissa de uma ostentação, e signo de participação dentro da nova ordem desenvolvimentista.

No âmbito regional, a compreensão do Modernismo, de acordo com Chaves (2004) e descrito por Costa, Pamplona e Miranda (2014), necessita de uma pesquisa das assimilações populares das linguagens formais da classe dominante. Esse empréstimo linguístico age como modo de ostentação e prestígio social, demonstrando o progresso econômico da classe média. Os autores complementam que afirmar que a concepção da arquitetura não partia dos pressupostos estéticos eruditos, não significa necessariamente que a obra construída esteja destituída de seus valores simbólicos, que se moldam da condição socioeconômica e tecnológica.

Tomando-se o entendimento da cultura como produto de expressão humana, faz com que tenhamos maior entendimento acerca do universo simbólico e seu sistema dinâmico. A linguagem expressa por meio de formas, geradas a partir das intencionalidades dos atores, refletem signos e significantes admitidos pela sociedade, e cerca toda a produção humana (COSTA; PAMPLONA; MIRANDA, 2014).

Hall afirma que “os signos são formados pela sociedade (que os geram) pelas estruturas e pelas fontes geradoras que a sociedade usa”. O que não exclui a simbiose: ao mesmo tempo em que os signos são modificados pela sociedade, eles também a modificam; explicitando uma clara relação cultural intrínseca na evolução humana, onde há uma recorrente renovação seja lingüística ou comportamental face à dialética histórica que subsidia a conduta social (HALL, 2008, p. 7, apud COSTA; PAMPLONA; MIRANDA, 2014, p. 4).

Em relação a composição de cacos utilizada pelo RQP, há mais de uma versão, sendo a mais conhecida a de que os azulejos sofreram avarias em virtude das precárias condições da rodovia Belém-Brasília por onde os veículos transportavam esse material, e por isso as lojas vendiam esses produtos a preços mais baixos. Há relatos de entrevista, esta feita por Santos (1995), onde um morador e proprietário de uma casa RQP afirma que a própria família quebrava os azulejos para compor os mosaicos e desenhos da fachada de sua casa. De acordo com Carvalho e Miranda (2009), falam de aproveitamento de sobras de construções e Cardoso (2012)

levanta a hipótese de o RQP ter sido influência de murais criados pelo então artista plástico Ruy Meira (COSTA; MIRANDA, 2018, p. 4).

Costa e Miranda (2018), afirmam que o pintor e engenheiro Ruy Meira incorporou os mosaicos de azulejos em algumas de suas obras, por exemplo, em sua própria residência em Mosqueiro, e na do casal Benedito e Maria Sylvia Nunes (MEIRA, 2008). Alcyr Meira, também engenheiro e sobrinho de Ruy, já tinha manifestado essa experiência na fachada do Clube do Remo, cuja atual sede fora projetada por Camilo Porto, em 1958. Costa e Miranda ainda destacam que, segundo Vidal (2004, p. 184), e de acordo com suas próprias traduções sobre o que quis dizer Vidal: “Alcyr Meira montou o mural em pedras de cantaria sobre ladrilhos na fachada do clube, constituindo assim quiçá a primeira manifestação das artes plásticas e da arquitetura na cidade”. Observar Figura 1, a qual demonstra o mural localizado na fachada do Clube do Remo, localizado na Avenida Nazaré, em Belém.

**Figura 1: Mural localizado na fachada do Clube do Remo.**



**Fonte: Laura Costa e Karina Pamplona (2013).**

Na tentativa de classificar o “Raio que o parta”, ou inseri-lo em alguma categoria, foi encontrado com esta pesquisa diversas tentativas de aferições. Cardoso (2012), por exemplo, utiliza o termo “arquitetura popular” para classificá-lo, no entanto, essa expressão se aproxima mais da ideia de uma arquitetura feita pelo governo para a população de baixa renda do que para

referir-se a obras feitas principalmente por moradores e pessoas que não possuíam formação em arquitetura. Falar em “arquitetura espontânea” também seria um risco pois, além dos proprietários, engenheiros civis também realizavam esse tipo de obra (COSTA; PAMPLONA; MIRANDA, 2014).

Costa et al. (2014) afirmam que o termo kitsch também é sugerido como forma de classificar o “Raio que o parta”. Para Moles (1986), o kitsch é uma apropriação da arte erudita, uma atitude em relação ao repertório que se apresenta e por isso não deve ser enquadrada como “bom” ou “mau” gosto. Cardoso (2012) defende que não seria errado entender o Modernismo popular, também, como consequência de uma atitude kitsch. Consequentemente, o “Raio que o parta” também pode ser interpretado desta maneira.

“Modernismo de fachada” é outra definição, apresentada por Carvalho e Miranda (2008). A classificação é justificada pela hipótese de as inovações se limitarem à aparência exterior da residência, desde a aplicação de mosaicos formando raios ou diversas figuras geométricas, a molduras inclinadas de janelas e colunas em V. Essa classificação ainda pode encontrar força na concepção de que o “Raio que o parta” não pode ser considerado como um estilo, visto que não trouxe inovações em termos de programa arquitetônico. Sobre isso, Costa et al. (2014) destacam o que Santos (1995) sustenta:

Com relação às novas técnicas de construção alcançadas e largamente utilizadas pelo movimento moderno, o “Raio-que-o-parta” simplesmente não tomou conhecimento. A liberação dos elementos de vedação da dependência dos elementos da estrutura e o tratamento plástico das formas possibilitado pelo concreto eram técnicas desconhecidas pela arquitetura popular (SANTOS, 1995, p. 48, apud COSTA; PAMPLONA; MIRANDA, 2014, p. 8).

### 3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

#### 3.1 O Fenômeno do “Raio que o parta” entre a Arquitetura e Arte

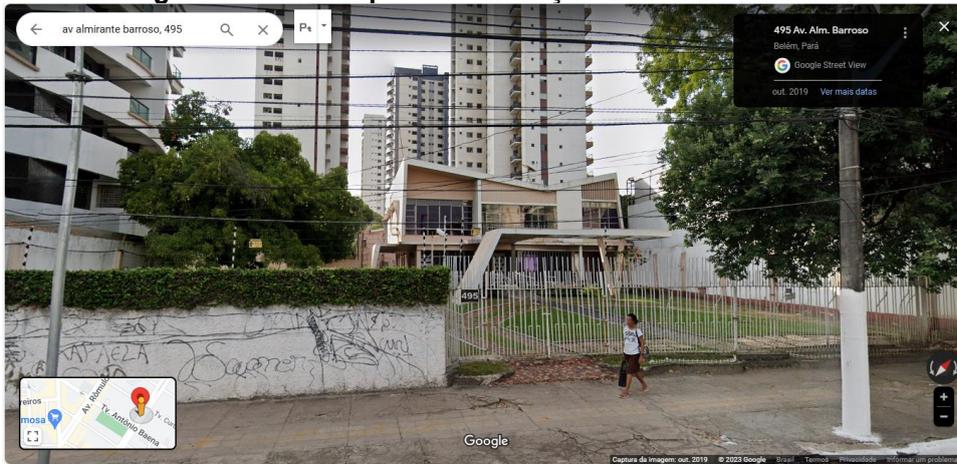
Como já sinalizado nesta pesquisa, o fenômeno do “Raio que o parta” (RQP) é uma expressão da arquitetura moderna, no Estado do Pará, ocorrido em meados do século XX, mais precisamente entre as décadas de 40 a 60. Foi o resultado da apropriação estética do estilo moderno em residências de classe média em ascensão, de modo geral, sob autoria de desenhistas, engenheiros e dos próprios moradores.

A arquitetura moderna tem como embasamento principal utilizar itens simples para construções surpreendentes e com designs à frente de sua época. Rejeitam elementos decorativos, ornamentais e supérfluos, ou seja, sem uma funcionalidade, pois como foco, a arquitetura moderna busca construções funcionais de modo geral, planejadas de acordo com o uso que os indivíduos farão dela. Utilização de forma geométricas definidas é um dos seus principais elementos arquitetônicos. Com foco em construções limpas, econômicas e úteis, com a integração da arquitetura à natureza e à paisagem em seu entorno, e acabamentos em concreto aparente em detrimento ao reboco e à pintura. Além dos cinco princípios da arquitetura moderna preconizados pelo arquiteto Le Corbusier: fachada livre, janelas em fita, pilotis, terraço jardim e planta livre.

E como exemplares de edificações no estilo moderno, em Belém, as Figuras 2 e Figura 3, demonstram tais prédios com características que os destacam no meio urbano. A Figura 2 retrata uma edificação já citada no trabalho, o prédio do Clube do Remo, este localizado na Avenida N<sup>a</sup> Sra. de Nazaré, n<sup>o</sup> 962. A Figura 3 destaca uma casa, localizada na Avenida Almirante Barroso, n<sup>o</sup> 495.

**Figura 2: Clube do Remo, edificação principal do clube.**

Fonte: Clube do Remo, fachada da edificação - Pesquisa Google.

**Figura 3: Um exemplar de edificação no estilo moderno.**

Fonte: 495 Av. Alm. Barroso - Google Maps.

Tais edificações possuem características de edificações modernas, contendo elementos como colunas em “V”, estruturas lineares e geométricas bem definidas, como exemplo, o próprio formato do telhado das duas edificações, os mesmos são compostos por platibandas que, por coincidência, também têm o formato em “V”, estética simples alinhada a funcionalidade do telhado, onde o mesmo segue o caimento das águas do telhado. Nas duas edificações também é possível observar a presença de marquises que aparentam flutuar e que fazem a composição na fachada. As esquadrias das mesmas acompanham uma linearidade, seguindo um dos princípios da arquitetura moderna: a janela em fita, as quais permitem um melhor contato e permeabilidade entre o ambiente externo e interno das próprias edificações e uma maior salubridade, garantindo troca de ventilação e iluminação.

A edificação da Figura 3 também se caracteriza como uma edificação de alto padrão, por também estar localizada em um lote grande, com entrada para veículos e pedestres. A mesma contém afastamentos em todas as suas faces, o que permite ter jardins e uma boa área que garante mais ventilação para a mesma. Essa sendo uma edificação que aparenta ser uma residência unifamiliar, acaba por se aproximar mais ainda das residências RQP, que aqui serão analisadas. No caso dela, fornece elementos, os quais veremos que tentarão ser representados nas casas RQP.

Logo, o fenômeno “Raio que o parta” é um perfeito e indiscutível exemplo de entrelaçamento entre arquitetura e arte, ambos ofícios que andam lado a lado. Com a chegada da modernidade. Engenheiros como Ruy Meira (1921-1995), passaram a inspirar-se por uma arquitetura mais avançada e otimizada, com as belezas estéticas da arte, executadas com maestria e deslumbre por arquitetos como Oscar Niemeyer (1907-2012).

A integração entre arte e arquitetura fortaleceu-se com o movimento arquitetônico da Bauhaus, tendo o uso de mural em pedras como uma das possibilidades da criação de desenhos e/ou formas, remetendo-se à ilustrações e pinturas artísticas com um aspecto totalmente moderno e sofisticado. Movido pelas criações de Niemeyer, Ruy Meira incorpora mosaicos e azulejos em seus trabalhos, como já observado nesta pesquisa. Desta forma, o uso de azulejos tornou-se um dos artifícios comuns entre as elites, que buscavam grandes arquitetos e engenheiros para modernizar suas residências como forma de expressar bom gosto e atualidade.

A moda espalhou-se rapidamente não apenas para a classe elitizada, mas para as residências de classe média e baixa, que buscavam, à sua maneira, integrar-se às novidades do modernismo. O fenômeno “Raio que o parta”, ou seja, a interpretação humilde do que poderia ser uma residência moderna, alavanca questões artísticas persistentes a partir do seu resgate histórico, visto que, foi considerado uma manifestação ordinária, tendo-se também uma expressão popular, dando origem ao seu nome (COSTA; MIRANDA,

2018).

No Pará, a preocupação em agregar uma linguagem artística à arquitetura refletiu-se na multiplicação de residências da classe média em Belém e no interior, sendo suas fachadas compostas por cacos de azulejos. Em muitas dessas edificações, é comum encontrar os painéis em platibandas ou muros, formando desenhos de raios coloridos, animais e outros objetos (COSTA; PAMPLONA; MIRANDA, 2014, p. 5).

Em parâmetros artísticos, as cores e formas que baseia-se o fenômeno RQP, são percebidas de modo peculiar por suas lajotas quebradas e ladrilhos coloridos que, ao juntarem-se, tornam-se gráficos que parecem estar sempre em movimento, tal como um raio, como próprio nome sugere. As formas e cores são elementos sempre notáveis na história da arte, incorporados por mestres como Wassily Kandinsky (1866-1944) ou Piet Mondrian (1872-1944), e o que impulsionou movimentos artísticos como a Bauhaus e o De Stijl, característicos de produções que podem remeter-se aos aspectos arquitetônicos de modo harmônico e equilibrado (HODGE, 2019), assim como a arquitetura particular e dinâmica de Antoni Gaudí (1852-1926).

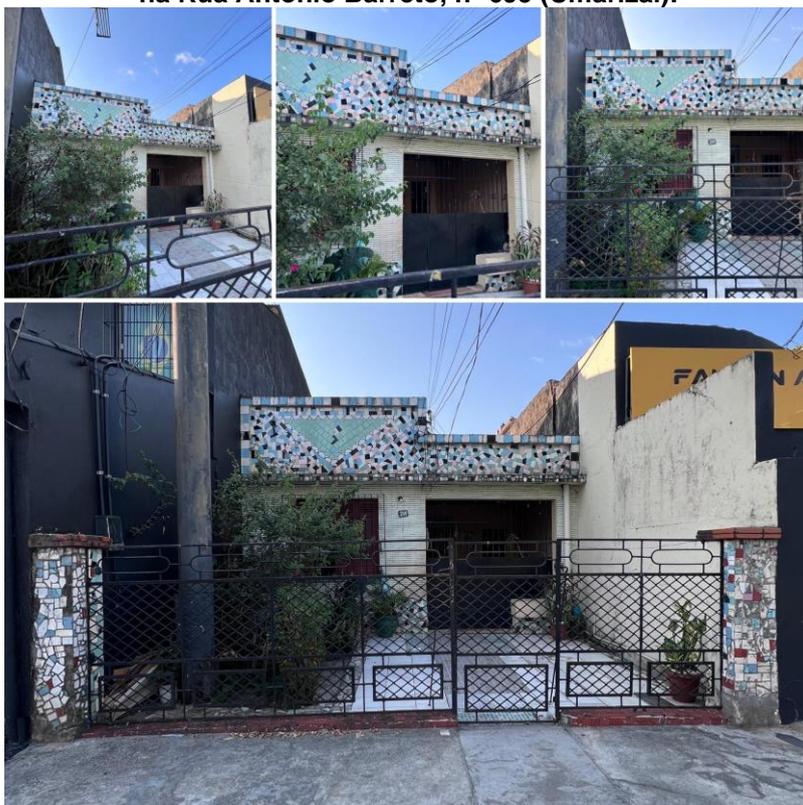
Apesar de construídas muitas vezes pelos próprios moradores e/ou conhecidos, algumas dessas especificidades são facilmente encontradas em diferentes modelos de casas RQP, que vão desde modelos mais coloridos, aos raios com formatos mais variados, alguns com aparência de triângulo, tornando-se residências únicas em um mesmo fenômeno arquitetônico, além das peculiaridades específicas de cada domicílio, como frentes mais estreitas ou alargadas por pátios ou platibandas com os cantos mais alongados. Na residência do Bairro do Umarizal em Belém, o RQP localizado na Rua Antônio Barreto, n. 699, a Figura 4 identifica um exemplo do uso exagerado das cores em sua composição, o que muito assemelha-se às obras de Mondrian (Figura 5).

Arquitetonicamente, a casa exemplificada na Figura 4 consiste em ser uma residência unifamiliar, composta de elementos que a caracterizam como

uma casa RQP. A mesma situa-se em um lote, o qual há apenas afastamento de frente, não havendo afastamentos laterais, esta característica, por sua vez, acaba por se configurar uma edificação com índice de salubridade baixo, por não permitir troca de ventilação e iluminação natural pelas partes laterais da casa. Apesar de ter um pátio não coberto logo na entrada e um segundo portão largo, ele não permite a entrada de veículos, justamente por ser gradeado e o primeiro portão não permitir a passagem de um veículo, apenas a entrada de pessoas. O gradil que compõe a fachada é em ferro, pintado de preto, e em sua base contém um balizador, o qual impede a entrada de veículos como um carro. O segundo portão, que fornece acesso a parte interna da casa, apresenta uma dimensão suficiente para um carro adentrar no pátio coberto, no entanto, não é utilizado para este objetivo. O pátio primário (inicial) tem o piso parcialmente revestido com lajotas de variadas tonalidades e texturas.

A fachada também é composta por revestimentos diversos, desde a base da parede, até o topo da mesma. A faixa que encosta ao solo é composta de mosaico de ladrilhos com formatos irregulares, nas tonalidade branco, azul claro, verde claro, rosa claro e preto. Acima desta faixa, a parede é revestida com um revestimento contrafiado, cor amarelo claro, até encontrar com uma pequena marquise, a qual recebe a platibanda. A platibanda, por sua vez, recebe a mesma composição de mosaico que a faixa de base da parede, sendo bordeada por uma composição de azulejos quadrados, nas tonalidades branco e azul claro. A platibanda apresenta dois níveis de altura, como se tivesse o formato da letra “L”. Ao centro da parte com maior altura, há um triângulo invertido, com composição de ladrilhos verdes claros ao centro e bordados por azulejos branco com desenhos de arcos.

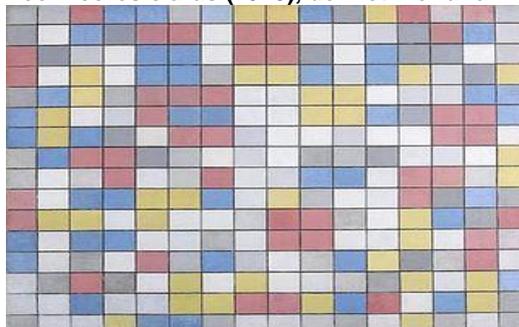
**Figura 4: Compilado de imagens da Residência RQP na Rua Antônio Barreto, nº 699 (Umarizal).**



**Fonte: Autoria própria (2023).**

Todas essas características demonstram a tentativa de importar para essa residência elementos da arquitetura moderna. Abaixo, na Figura 5, é possível correlacionar a composição do mosaico desta residência com a composição em tabuleiro de damas com cores claras de Piet Mondrian, de 1919.

**Figura 5: Composição em tabuleiro de damas com cores claras (1919), de Piet Mondrian.**



**Fonte: André Dorigo (2023).**

Piet Mondrian é, até os dias de hoje, um dos artistas modernos mais conhecidos ao longo da história da arte. Ao ingressar na Academia Real de Artes de Amsterdam em 1892, passou a demonstrar forte interesse pela arte geométrica, envolvido pelas singularidades dos edifícios e pela inquietude da natureza, tornando-se um artista plástico que apropriou-se do abstrato e do figurativo, e apaixonou-se pela dinâmica agitada da vida moderna e urbana, representada pelas cores primárias sempre em alusão ao movimento (GOMBRICH, 2000).

Assim como nas obras de Mondrian, residências sistematicamente coloridas, eram símbolo de modernidade e aproximação às tendências arquitetônicas, integradas principalmente pela classe média-baixa na qual ousavam deste artifício de forma externa e interna da casa, com decoração, paredes e móveis de cores vibrantes (COSTA, 2015).

A segunda residência RQP que aqui será analisada, também localiza-se no bairro do Umarizal, na Tv. Almirante Wandenkolk, representada na Figura 6. Ela chama atenção pela distribuição de diferentes mosaicos por toda a fachada da residência, logo, a mesma é totalmente tomada por ladrilhos. A platibanda contém três partes, e cada uma apresenta diferentes dimensões, formatos e paginações, a parte mais baixa é estampada em motivo de “flocos”, como se houvessem pintas na paginação e, acima, um raio duplo que atravessa o fundo em azul marinho, localizado no canto à esquerda uma composição de azulejos em cor única, na cor bege.

Esta residência RQP, por sua vez, apresenta entrada para veículos, o que denota ser uma residência de classe social um pouco mais elevada e em condições melhores do que a primeira residência apresentada, na Figura 4. Também é possível observar que o pátio dessa residência tem o piso totalmente revestido. Em relação aos afastamentos, têm características bem parecidas com a primeira casa analisada, contendo afastamento frontal, mas não havendo afastamentos laterais. As esquadrias são em alumínio anodizado, o que já confere outro diferencial de material em relação à

primeira casa, em busca de modernização.

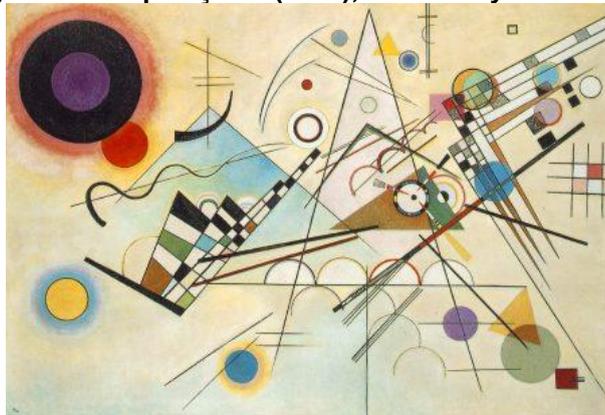
**Figura 6: Residência RQP na Tv. Alnte. Wandenkolk, nº 308.**



**Fonte: Laura Caroline de Carvalho da Costa.**

Também é comum encontrarmos a distribuição de diferentes elementos e formas geométricas nas obras do artista Kandinsky (Figura 7), que assim como Mondrian, também foi um apaixonado pela representação abstrata e pelas características arquitetônicas, assim como a mistura de cores e seus diferentes nuances, na qual segundo o artista, tinham o poder de expressar diferentes tipos de emoções e sensações (HODGE, 2019), dependendo-se de como eram executadas. De repente, essa era a exata sensação que o morador daquela casa gostaria de ter ao observar a fachada de sua casa.

**Figura 7: Composição 8 (1923), de Wassily Kandinsky.**



**Fonte: Info Escola (2023).**

Os ladrilhos e mosaicos assumem uma projeção dinâmica que, apesar de irreal, transitam-se pelo olhar de quem caminha pelo arredor de uma casa “Raio que o parta”, transformando-se num jogo corriqueiro entre o deslocamento desenfreado e a diversidade de formas que compõem estas arquiteturas, muito similar às produções arquitetônicas de Antoni Gaudí (Figura 10). O raio da platibanda da terceira casa RQP analisada, localizada no bairro da Cremação, representada nas Figura 8 e Figura 9, apesar de suas cores neutras, assume-se uma complexidade semelhante aos raios formados por cores enérgicas das demais residências apresentadas, justamente pelo seu formato desenhado.

**Figura 8: Residência RQP  
na 14 de abril esquina com Mundurucus.**



**Fonte: Autoria própria (2023).**

A terceira residência RQP, comparada com as duas casas analisadas, é a que mais possui elementos do estilo moderno. Esta residência possui afastamentos laterais em três fachadas em sua parte frontal, em uma de suas laterais e de fundo, elementos estes que privilegiam a casa, possibilitando uma melhor ventilação e iluminação, comparado com as duas anteriores. Na fachada principal, é possível observar pilares, que mesmo não tendo formatos diferenciados, estão posicionados diagonalmente em relação ao plano frontal da fachada, o que confere certo “movimento” à fachada, saindo do comum.

**Figura 9: Compilado de imagens da Residência RQP na 14 de abril esquina com Mundurucus.**



Fonte: Autoria própria (2023).

É possível notar que, na fachada, há presença de uma marquise, que recobre o pátio de entrada da casa, platibanda em formato de “V”, o qual segue o caimento da única água do telhado, o que nos faz notar ser a residência que mais assemelha-se com as duas edificações identificadas no início deste item, exemplificadas como Figura 2 e Figura 3. Ainda sobre a platibanda, o desenho em mosaico, com ladrilhos em branco e preto, é formado por composição de três triângulos de dimensões diferenciadas entre si, apesar de ter apenas duas cores a composição das cores do ladrilho com as tonalidades de verdes na marquise e contorno da platibanda (verde escuro) e o centro da platibanda (verde claro), fornece um equilíbrio nesta paleta de cores, e faz com que o desenho se destaque.

No muro lateral, voltado para a Av. Mundurucus, parte dele tem um formato em “M”, o que sugere mais movimento e composição às fachadas da residência, sendo interessante destacar o elemento vazado neste mesmo

muro, o cobogó em louça no centro desta parede permite a transposição de ventilação e iluminação, e com seu formato circular e colorido, conversa com outros elementos circulares vazados encontrados neste mesmo muro. O cobogó também é um elemento muito utilizado na arquitetura moderna, sendo uma característica importante deste estilo, o que confere conforto e beleza.

**Figura 10: Entrada principal do Parque Güell (1914), por Antoni Gaudí.**



**Fonte: Barceló Experiences (2023).**

As obras de Gaudí também incorporam ladrilhos coloridos e cheios de movimento em grandes e diferentes dimensões, saindo de uma posição cartesiana e modular arquitetônica, para tornarem-se envolventes e dinâmicas como obras de arte. O raio da residência do bairro da Cremação, ainda que neutro, apropria-se de curvas enigmáticas que preenchem a categoria tradicional de movimento de toda casa RQP, tornando-se ainda mais interessante ao entrar em confronto com a cor principal da residência em verde ardente, criando-se contrastes ora em total atrito, ora em completa harmonia. Assim como Costa e Miranda (2014), constatamos o apagamento crescente dos elementos da RQP nas fachadas da capital paraense, mas notamos a utilização de referidos materiais - cacos de azulejos em edificações com cores monocromáticas e/ou detalhes de parapeitos multicoloridos.

**Figura 11: Loja localizada na Av. Nazaré com cacos de azulejos referentes ao RQP.**



Fonte: Google Earth (set. 2022).

**Figura 12: Parapeito da sacada do coworking “O Canto”, localizado em frente à Praça da República.**



Fonte: Autoria própria (2023).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos realizados até o momento por diversos pesquisadores, e a própria análise contida neste trabalho, revela-nos a importância que o fenômeno “Raio que o parta” (RQP) configura para nós paraenses, mesmo se tratando de uma apropriação da arquitetura moderna brasileira feita de forma intuitiva e com as possibilidades que haviam na época por essa classe de moradores, de como foi executado, denotando, neste sentido, um ar de

criatividade e expressando uma nova possibilidade de decoração, na tentativa daquela população auto afirmar-se de que seguiam os preceitos do estilo em voga. Tal fenômeno comprova um comportamento diferente do que ocorreu em outros países, contrariando a ideia de muitos autores que acreditavam que o modernismo não conquistou aceitação popular (LARA, 2005).

Segundo Riegl (2006), as manifestações humanas são testemunho direto ou indireto da história, através de monumentos escritos ou artísticos, representam as etapas marcantes da evolução social. E o “raio-que-o-parta” configura uma manifestação popular de um determinado período, sendo conferida a importância arquitetônica da tipologia enquanto existente, principalmente, na região Norte do país. Esse tipo de arquitetura feita pelos próprios moradores, mestres de obra e engenheiros pode ser encontrada em outras regiões brasileiras, como atestam os trabalhos de Lara (2005) e Guimaraes e Cavalcanti (1978). Entretanto, a composição dos mosaicos em forma de raios parece ser característica do território paraense (COSTA; PAMPLONA; MIRANDA, 2014, p. 10).

Vivemos em uma sociedade contemporânea, e de acordo com os filósofos Lipovetsky e Serroy (2015), a sociedade já se caracteriza como hipermoderna, onde tudo é estetizado para chamar mais atenção e assim atrair consumidores, e a informatização acaba por ser elegida como a métrica da nova sociedade. No entanto, nossa sociedade está passando por várias mudanças que estão redesenhando sua aparência e fazendo emergir novos contextos de sensibilidade, o que acaba sendo refletido no cotidiano das pessoas, em suas casas, e assim, consecutivamente, no meio urbano. Mudanças tão profundas na vida urbana demandam novas perspectivas teóricas e novos modelos de inteligibilidade para descrevê-las. Dentre esses modelos, podemos apontar um crescente interesse pelo ambiente sensorial dos espaços construídos e quais as sensações e até mesmo, sentimentos que determinados espaços, ambientes e arquiteturas transmitem.

Como preconizam Lipovetsky e Serroy (2015), as questões de ordem estética não têm mais aparecido como secundárias ou subordinadas, elas estão claramente se tornando um elemento chave no pensamento urbano

contemporâneo. Nessa abordagem, o corpo e os sentidos passam a ser considerados. A estética das ambiências, focada nas tonalidades afetivas dos espaços urbanos e arquitetônicos. Conhecemos os argumentos usados no início do século passado para descrever o processo de estetização das cidades modernas: a natureza hiperestimulante das metrópoles, o embotamento dos sentidos dos moradores, o desenvolvimento de uma recepção desinteressada, a dominância da visão sobre os outros sentidos e a perda da experiência comunicável em favor de uma estética do choque.

É neste contexto, observando o fenômeno do RQP e com a análise das residências aqui apontadas, que comprova-se o entrelaçamento existente entre arquitetura e arte. Enxergando-se, assim, uma especificidade que poucos indivíduos valorizam como algo único. No entrelaçamento da arquitetura com a arte, notamos a evidência da técnica empregada nos anos 40 de forma evolutiva, caracterizando, ainda, o moderno na época contemporânea, de forma mais linear e lúdica, onde o processo de estetização da cidade moderna permeia o sentimento das casas do estilo RQP mesmo com embotamento dos sentidos dos moradores. A estética do cotidiano de uma fase histórica da arquitetura é ressurgida como arte nas novas técnicas e paisagem da cidade.

## REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: Uma História Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARGAN, Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BATTCKOCK, Gregory. **A Nova Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CARVALHO, Ronaldo Marques de; MIRANDA, Cybelle Salvador. **Dos mosaicos às curvas: a estética modernista na Arquitetura residencial de Belém**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 112.05, Vitruvius, set. 2009 Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/25>. Acesso em: 20 ago. 2023.

COSTA, Laura Caroline de Carvalho da; MIRANDA, Cybelle Salvador. **A efemeridade do moderno e o valor de novidade nas fachadas de**

**residências “Raio que o parta” em Belém PA.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 19, n. 228.03, Vitruvius, maio 2019. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.228/7306>. Acesso em: 20 ago. 2023.

COSTA, Laura Caroline; PAMPLONA, Karina; MIRANDA, Cybelle S. **“Raio que o parta”:** O lado b do modernismo paraense. In: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 3., 2014, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

COSTA, Laura Caroline Carvalho; MIRANDA, Cybelle Salvador. **A experiência imagética na arquitetura “Raio que o parta”.** 5%, São Paulo, v. 1, n. 23, 2022.

COSTA, Laura Caroline de Carvalho da. **Raio que o parta! assimilações do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (PA).** 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/6822>. Acesso em: 20 ago. 2023.

COSTA, Laura; MIRANDA, Cybelle. Raio que o parta na cidade velha: quando o moderno encontra a tradição. In: III SEMINÁRIO DE ARQUITETURA MODERNA NA AMAZÔNIA (SAMA), 3., 2018, Belém. Anais [...]. Belém: Universidade Federal do Pará - Campus Guamá, 2023. Disponível em: <https://www.sama2018.com/eixostematicos>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. **A História da Arte.** 16. ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora, 2001.  
HODGE, Susie. **Breve História da Arte Moderna.** 1. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Estetização do Mundo:** Viver na era do capitalismo artista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PEVSNER, Nikolaus. **Os pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTOS, Ivana. **Raio-que-o-parta – Um fragmento entre cultura e sociedade.** 1995. Monografia (Especialização) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1995.

---

## **SOBRE OS AUTORES:**

### **Matheus Nunes**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Especialista em Arquitetura Hospitalar pelo Instituto Israelita Hospital Albert Einstein (2021).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8976-341X>

E-mail: [mgnprofessor@gmail.com](mailto:mgnprofessor@gmail.com)

### **Yasmin Gomes**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA) e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA). Especialista em História da Arte (Faculdade Multivix), Licenciada em Artes Visuais (UNAMA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9549-6787>

E-mail: [yasmincg@yahoo.com.br](mailto:yasmincg@yahoo.com.br)

### **Denise Vianna Nunes**

Professora Adjunta da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF). Doutora em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB-UFRJ). Coordenadora dos Grupos de Pesquisas CNPq: Grupo de Estudos sobre Modos de Habitar no Rio de Janeiro (MHRJ) e Grupo de Estudos sobre Arquitetura e Concepção Estrutural.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8537-4885>

E-mail: [denisenunes@id.uff.br](mailto:denisenunes@id.uff.br)

**Artigo recebido em: 30 set. 2023. | Artigo aprovado em: 20 nov. 2023.**